

# Cenas brasileiras no jornalismo literário do Portugal oitocentista

Maria Fernanda de Abreu

**Abstract.** This essay addresses the question of how Portuguese Romantics faced their ex-colonial subjects, as projected through the representation of identities and cultural diversity in their writing. By critically reading a series of intermittent articles, Maria Fernanda de Abreu demonstrates the importance of Brazil in the recently inaugurated *O Panorama*. In texts that appeared mid-century in the same newspaper, she analyzes Francisco Maria Bordalo's *Cenas de escravidão*, touching on themes such as the slave trade, the whitening of slaves, white slavery, and the concept of race.

## Introdução

Este pequeno trabalho insere-se na colaboração, iniciada como resposta ao desafio que amigos dedicados - investigadores brasileiros, autores de um projecto sobre *As relações culturais luso-brasileiras*, coordenado por Benjamin Abdalah, com outros colegas da Universidade de São Paulo - me fizeram em certo momento, ao estar eu integrada numa Rede internacional (ALFA) sobre "Mulher, cultura e sociedade na América Latina," onde me ocupava da representação das mulheres brasileiras, em textos portugueses e, ao mesmo tempo, ao estar a desenvolver um projecto, com alunos de pós-graduação, sobre "As revistas literárias do século XIX, o folhetim e a construção do romance português."

Partilhado por Elza Miné, que se ocupa, sobretudo, da imprensa portuguesa a partir dos anos 70, cabendo-me a mim a imprensa romântica,

apresentaram-se os primeiros contributos para o projecto no painel “A Imprensa, espaço de encontro entre Portugal e o Brasil,” durante o Seminário *As relações culturais luso-brasileiras*, organizado no âmbito dos Cursos da Arrábida, coordenado por Maria Aparecida Santilli, no Verão de 2000.

Assim, a colaboração modesta que, então, iniciei sobre a presença de “O Brasil e os brasileiros n’*O Panorama*” e que esta comunicação, provocada pelo vosso desafio, agora prossegue, foi-se cruzando com pequenos artigos que fui publicando sobre: a representação das mulheres brasileiras nos fragmentos conhecidos do romance *Helena*, de Garrett; *A Mulata*, de Carlos Malheiros Dias; os livros de viagens de Óscar Leal; *Os Selvagens*, de Gomes de Amorim, fazendo pouco mais do que assinalar e comentar o tratamento desses outros e outras mulheres, membros da população indígena e negra desse imenso território que, desde 1500, foram sendo objecto da colonização portuguesa. Finalmente, concluí a participação na referida rede ALFA (Red Túpac Amaru/ Programa Micaela Bastidas) com a organização do volume 4 da mesma: *Mulher, cultura e Sociedade na América Latina / Mujer, cultura y sociedad en América Latina*, publicado em Lisboa, em 2004 (com data de 2003), reunindo artigos dos seus membros.

Também “outro” e, como aqueles, minorizado, se devem considerar os periódicos e revistas literárias do século XIX e, neste contexto, igualmente objecto de desprezo tem sido o folhetim, espaço privilegiado de comunicação com os leitores e, todavia, sempre arrumado em classificações “para...” ou “sub...” ou “baixo...,” apesar de em forma dele se terem publicado as grandes obras que passaram a constituir o canon alto do século XIX português. Basta recordar as *Viagens na minha terra*, a narrativa histórica de Herculano, a novela camiliana, muito Eça e, entre ele, o primeiro e o último Eça. Uma forma que, como todos sabemos, não constituía apenas um espaço de publicação senão que imprimia à obra características técnico-discursivas e também temáticas por ela determinadas.

1. Entre as várias funções que as revistas literárias vieram desempenhar num Portugal cultural e civilizacionalmente “empobrecido,” como assinalou Herculano no artigo de fundação d’*O Panorama*, estavam estas que, directamente, importam ao que, agora, me proponho destacar. Assim:

– o permitir a abordagem dos mais variados assuntos desde a crónica do episódio mundano ao registo das mais diversas impressões e apreciações— políticas, literárias, históricas, religiosas, morais, etc... - , arrumadas numa

secção denominada de “folhetim” ou de “variedades,” secção onde, a par, cabia o folhetim literário; na secção *Variedades da Revista universal lisbonense*, recordemo-lo, se iniciou a publicação das *Viagens na minha terra*, por exemplo;

– o, deste modo, concorrerem os colaboradores destas publicações - como tão avisadamente faz notar Sampaio Bruno, no capítulo dedicado a “As revistas literárias e o folhetim,” o VII da sua interessante *A geração nova*, que publicou em 1886 - “para a elaboração de novas ideias, para a difusão de novos princípios, para a disciplina de concepções mais exactas e mais solidárias com os progressos da mentalidade e promove[re]m eficaz e salutarmente o descrédito das incapacidades dos partidos governativos [...],” o desenvolvimento, como também assinala Sampaio Bruno, das “improvisações fáceis do folhetim” e de “novas formas artísticas, no departamento da novela, [...]” do “aparecimento do conto de curto tamanho, substituindo o romance em formato Michel Levy” (69);

– finalmente, cumprindo um papel social e político, entre outros, a denúncia de situações de injustiça, o debate de questões de actualidade, a formação da opinião pública, a pressão sobre as forças de decisão.

Entre os referidos periódicos, tem sido amplamente reconhecido o papel relevante d’*O Panorama* na implementação do programa romântico-liberal.<sup>1</sup>

Cumprindo o objectivo programático de “instruir” e de “propagar conhecimentos úteis” junto dos seus leitores, *O Panorama*, fundado em 1837, dedicou um número importante das suas páginas aos “índios” e aos “negros” do Brasil, há pouco tornado independente. Desde o artigo informativo, de carácter etnográfico, até à narrativa de “cenas de escravatura,” um conjunto de textos dão-nos a conhecer dados e perspectivas que, por volta de meados do século XIX, configuravam o olhar dos portugueses sobre aqueles “outros,” cujos modos de vida tinham sido, em enorme medida, determinados pela colonização portuguesa.

Ao mesmo tempo que tratavam de se integrar nas mundivisões que o romantismo criava por toda a Europa, os criadores literários e ideólogos do romantismo português, entusiasmados pelas ideias humanistas das revoluções liberais, (ou também, por que não, preocupados com as necessidades comerciais da nova pátria empequenecida...) revisitavam as terras e as gentes desse amplíssimo espaço físico e humano que, pela primeira vez, Pero Vaz de Caminha tinha começado a representar em carta ao rei Dom Manuel quando os portugueses, em 1500, chegaram a terras do *pau brasil*. Através de que

traços e a partir de que olhares, consumada a independência do Brasil em 1822, representaram os românticos portugueses, na imprensa da época, a diversidade cultural e identitária daqueles povos que, durante séculos, haviam colonizado?

Saído, pois, a público, por primeira vez, no sábado, 6 de Maio de 1837, em pleno processo de consolidação da vitória liberal, *O Panorama, Jornal literário e instrutivo da sociedade propagadora dos conhecimentos úteis*, apresentava em texto introdutório (artigo de fundação), escrito como se crê por Herculano, o programa que se propunha empreender e as motivações que haviam determinado esse programa. Começando a sua argumentação com uma interessante apologia da leitura como veículo do conhecimento, elogiava o papel dos jornais na transmissão “de uma instrução variada, e que pudesse aproveitar a todas as classes de cidadãos[...]”, na tentativa, entre outras, de, seguindo “o exemplo dos países mais ilustrados,” “trabalhar por instruir e melhorar os costumes dos portugueses, aumentando a civilização nacional” procurando trazer “outra vez às alturas, de que não nós, mas sim torrentes de calamidades públicas” nos tinham arredado, estes “anjos despenhados” em que - diz magnificamente o texto -, os portugueses se tinham convertido, sendo, então “objecto dos insultos e desprezo das outras nações” (*O Panorama* I: 1-2).

A vocação pedagógica aqui claramente exposta ver-se-ia confirmada e reforçada nos anos seguintes com o aparecimento regular de textos de carácter introdutório, dirigidos aos “assinantes” onde se lhes dava conta do andamento e dos resultados da prática assumida pelo jornal, se comunicava problemas, entretanto, surgidos, se anunciava novas orientações, sempre tendo em conta a sua recepção e melhor ou pior acolhimento tanto por parte do público como por parte de forças políticas ou outras. Por exemplo: apenas um ano depois, já o texto dirigido aos assinantes, no primeiro número de 1838, comunicava a opção por um novo “sistema de redacção,” duas partes “que de algum modo se podem considerar como distintas” para atender “aos desejos de duas classes de leitores opostas,” advertindo, contudo, que o estado da “educação primária popular” em Portugal, “miserável, incompleta e desprezada” não permitiria nunca que os resultados dos jornais fossem “tão vantajosos” (*O Panorama* II: 1-2) como os que produziam os publicados entre as nações civilizadas (refere-se à Alemanha, Inglaterra e França) mesmo que os nossos lhes sigam os modelos, como era o caso do inglês *Penny Magazine* para *O Panorama*.

2. Aqui proponho-me destacar a presença de índios e negros n’*O Panorama*, através de dois tipos de texto:

- os índios em textos de carácter descritivo, etnográfico ou outro;
- os negros, numa série de curtas narrativas, literárias.

### Os índios

A preocupação por dar uma imagem da enorme colónia, cuja independência recente e as circunstâncias da mesma tão fortemente tinham determinado e estavam ainda a determinar a história política e económica da pequena metrópole, começa logo a dar frutos na presença do Brasil no recém inaugurado periódico.

De facto, divididos ainda entre considerar essa enorme e promissora nação como “filha” ou/e “irmã,” como poderiam os jovens educadores da pátria portuguesa esquecer essa terra a que nos ligava tão forte relação de parentesco, quando em França já Ferdinand Denis tinha publicado o seu *Le Brésil ou histoire, mœurs, usages et costumes des habitants de ce royaume*, em 1822, e um *Resumé de l’histoire de la littérature brésilienne*, em 1826, e viajantes franceses e alemães percorriam aquelas terras e sobre elas escreviam?

Assim, ainda no ano da sua fundação, a 30 de Dezembro de 1837 se anuncia e introduz uma série de artigos sobre o Brasil, que se vai estender, em várias entregas, ao longo de 38 e 39, assinados por J.H. da Cunha Rivara.<sup>2</sup>

Tendo-se ocupado, no primeiro, da “situação-extensão-meios de prosperidade e clima” (Vol. II, nº 40, 3 de Fev. de 1838), o segundo (Vol. II, nº 46, 17 de Março de 1838), trata a “população-carácter-usos e costumes dos habitantes,” além dos produtos. Invocando o testemunho de um conjunto de viajantes, de Saint-Hilaire a Humboldt, Cunha Rivara, considerando como população os “aborígenes ou índios naturais” e os escravos, confirma o aumento da escravatura e, portanto, dos “pretos” (Vol. II, 46: 82). Dividindo a população entre “gente ainda selvagem” e a que “vive sujeita às leis da sociedade,” reconhecendo a dificuldade do recenseamento da “população índia da banda oriental, com que se tem muito trato e frequência” quanto mais “das numerosas tribus” que habitam no interior do Brasil, reconhecendo ainda que a composição “de tantas raças distintas” e os “géneros de vida tão diversos” torna dificultosa a tarefa de “fazer uma ideia apurada do character brasileiro” não resistirá, contudo, à promissora generalização que interessa aos bons espíritos e à economia: “em suma, a nação brasileira tem já em si todos os recursos morais e intellectuais necessários para vir a ser uma nação que figure no

universo” (Vol. II, 46: 83). Não deixa, aliás, de ser curioso notar que seja a relação dos produtos o que se segue a esta caracterização dos habitantes.

Precisamente, é reveladora a sintaxe do artigo. Depois daquela conclusão generalizadora sobre o carácter dos habitantes da nação brasileira e como transição para a enumeração dos produtos, volta aos índios e aos pretos para precisar: “pelo que toca aos índios que ainda vivem fora das branduras, e bom viver da civilização, cabe aqui dizer que são aptíssimos para virem a entrar no grémio da sociedade, e que no meio da sua bruteza, lá dão sinais de algumas virtudes dignas de estimação” (Vol. II, 46: 83). (Aliás, variante de algo que Caminha já tinha escrito na sua carta ao rei Dom Manuel).

Que o objectivo fundamental daquela apresentação teria em vista o objectivo dos contratos comerciais e do aproveitamento dos índios na produção de bens, parece não restar dúvidas, quando o vemos afirmar imediatamente depois:

Do valor destes índios se encontram boas provas nos viajantes assim como da boa fé com que guardam seus contratos, quando a frequentação dos europeus lhes não tem mostrado que a má fé também às vezes lhes é precisa para não serem enganados e oprimidos. Disto e da sua capacidade para toda a casta de trabalho e industria, achará o leitor sobejos testemunhos e argumentos na célebre obra do bispo de Pernambuco, Azeredo Coutinho, intitulada *Ensaio Económico sobre o comércio de Portugal e suas colónias*, onde se refuta completamente o que sonhou Montesquieu a cerca da inabilidade e covardia dos povos dos países quentes. (Vol. II, 46: 83)

A citação, que acabo de fazer, é o bastante longa para mostrar um olhar perpassado por interesses e determinações de vária ordem, os económicos como já disse mas também os morais, com não veladas acusações aos europeus, acusações que, pouco depois, se repetirão, a propósito da população escrava—por esta condição, bem diferentes dos indígenas. Assim, logo ao falar dos costumes, dirá: “pelo que toca às diversas raças, as nações indígenas vão gradualmente perdendo o seu instinto primitivo, e os pretos, privados da liberdade, amoldam a índole aos costumes que os obrigam a tomar” (Vol. II, 46: 83). Mas, de novo, vem a oscilação (ou ambiguidade?), com a crença nessa lenda que os defensores da colonização portuguesa conseguiram propagar, aliás com uma eficácia que ainda tem alguma circulação nos nossos dias, apesar de todos os desmentidos: “Faça-se, porém, justiça:”—termina Cunha Rivara—“neste país de senhores e escravos, longe estão os costumes de serem cruéis,

como em muitas colónias europeias; e desafogadamente se pode afirmar que em nenhuma região do Novo Mundo são mais bem tratados os pretos” (Vol. II, 46: 83).

Só mais de um ano depois, a 1 de Junho de 1839 - algo que nos deveria causar alguma estranheza - vamos encontrar n’*O Panorama* a continuação desta série de artigos, o número IV, esta vez sobre “Comércio do Brasil,” introduzido por palavras como estas: “apresentando aos nossos leitores o quadro da sua grandeza comercial, espantosa na verdade, se nos lembrarmos que esta monarquia ainda há bem poucos anos era uma colónia, oprimida (sejamos justos) pela mãe pátria, que não permitia aos brasileiros o tirarem as vantagens que podiam das suas riquezas nativas” (170).

Finalmente, o artigo seguinte da série (a 12 de Outubro) intitula-se “Índigenas.” Com uma introdução que recorda como “os primeiros observadores pintam a terra do Brasil como um novo paraíso terreal,” Cunha Rivara invoca o efeito daquela terra nas imaginações tanto dos portugueses do século XVI, “ébrios então de grandeza e glória” como na dos contemporâneos, “os Talleyrands e os Chateaubriands,” para passar a apresentar as diversas nações indígenas que, então, habitavam o litoral e falavam a língua que os europeus chamaram “brasilica” (322). E termina: “no fim do século de quinhentos haviam desaparecido do litoral quase todas estas raças de gentios, e os que restavam tinham entrado pelo sertão dentro a 300 e 400 léguas. É destas raças de gentios que os nossos antigos escritores nos deixaram mais ampla notícia, e de sua vida e costumes diremos de outra vez mais por extenso” (323).

Dirá, de facto, pouco depois (a 30 de Novembro, 379-81). E porque esta apresentação já vai longa, no que a índios respeita só direi que tudo (quase tudo) o que Cunha Rivara aqui dirá sobre crenças, usos e costumes dos índios, coincide - tanto na informação como nas palavras, frases completas mesmo - com o que o jesuíta Fernão Cardim tinha contado nos seus escritos sobre o Brasil, entre 1583 e 1601, pouco depois da sua chegada àquelas terras, sem que em nenhum momento o articulista d’*O Panorama* refira o nome de Cardim, afinal, um daqueles “antigos escritores” que, sobre a matéria, tinham deixado “mais ampla notícia.”

A questão que, agora, me interessa não tem nada a ver com plágio nem sequer com apropriação indevida do texto de outro, já que é de bem diferente

teor. Vejamos. Numa recente edição do texto de Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, 1997, feita pela historiadora Ana Maria de Azevedo, informa-se logo na badana do livro: “Escritos entre 1583 e 1601,” os textos de Cardim “mantiveram-se inéditos durante séculos, só vindo a ser parcialmente divulgados em língua portuguesa em 1847. Alguns foram publicados em inglês, mas atribuídos erradamente a um outro autor. É esta, portanto, a primeira vez que, em Portugal, se publica a sua obra na totalidade.”

Ora, como acabámos de ver, os textos de Cunha Rivara foram publicados n’*O Panorama* antes de 1847, recorde-se, entre Dezembro de 1837 e 30 de Novembro de 1839. Na sua edição, Ana Maria de Azevedo informa que os manuscritos em português, que agora publica, se encontram em Évora, na Biblioteca Pública e Arquivo distrital e que outro deles, formando parte de um conjunto de vários manuscritos, intitulado “Miscelânea, cousas do Brasil,” se encontra incluído “no *Catálogo dos manuscritos da Biblioteca Eboense*, publicado em Lisboa, no ano de 1850, e ordenado pelo bibliotecário Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara” (19). Pois bem. Afinal, segundo a hipótese que, na sequência disto me não parece disparate aventar, o leitor d’*O Panorama*, esse “Jornal literário e instrutivo da sociedade propagadora dos conhecimentos úteis,” teve, ainda no final dos anos 30 do século XIX, na fase de consolidação da vitória liberal, e da formação de uma sensibilidade romântica, acesso às opiniões e informações que, pelos vistos, as colecções historiográficas só muito mais tarde haveriam de dar a conhecer. Opiniões, olhares e informações que não eram as que nos vinham dos exploradores e viajantes setecentistas e oitocentistas, franceses, holandeses, alemães... mas sim de um jesuíta português dos finais de quinhentos. E tiveram-no, os leitores d’*O Panorama*, pela pena de um bibliotecário-historiador (certamente amigo de Herculano, que, recorde-se, então dirigia a publicação), a quem, aliás, pouco parece preocupar os séculos transcorridos já que utiliza a informação de quinhentos e transcreve-a em presente: os índios “vivem,” “têm”... Cunha Rivara não dá o nome de Cardim de quem terá ordenado os documentos na Biblioteca de Évora, que estava sob sua responsabilidade, e publicado em 50 o respectivo Catálogo. Mas não deixou de, na introdução desse artigo de Novembro de 39, exaltar aqueles que penetraram “nas íntimas cogitações desses homens de nova raça, ferozes e destemidos, que habitavam no tempo da conquistas as costas do Brasil” e de indicar que “foram os missionários, e missionários jesuítas, quem nos deixou a este respeito mais miúdas e bem ordenadas narrações” (379).

Não revelou, porém, o nome, nem disse onde se encontravam os textos. Presumo que teria as suas razões... e atrever-me-ia a dizer que fez bem. Mas, por tudo isto, aconselharia a prudência que historiadores ditos “canónicos” e praticando géneros “altos” folheassem atentamente as páginas daqueles jornais, simplesmente “instrutivos e literários,” folhetinescos e variados... Quem sabe se algum bibliotecário metido a romancista histórico, por exemplo, coisa pequena, já se sabe, desses que as histórias da literatura já nem registam, não incorporou sorrateiramente, palavra por palavra, sem nem sequer lhe mudar o tempo verbal, documentos “altos” guardados nos escaninhos das suas alcovas...

Pelos mesmos anos, por fim, o jornal publica também artigos não assinados sobre os diferentes grupos de indígenas, recorrendo à xilogravura que, então, introduzia na imprensa portuguesa para dar representações iconográficas dos mesmos.

### Os negros

Dando um salto no tempo, vamos agora ao ano de 1854. O jornal tinha já mudado de empresa proprietária, o subtítulo reduz-se a “jornal litterario e instructivo,” vai na terceira série, mudou de direcção. A “introdução” aos leitores refere as dificuldades por que o periódico tinha passado no ano anterior e o seu empenho em “salvar o crédito da publicação.” Reivindica para si o mérito de que “ninguém pode negar que há concorrido, e continua a concorrer, obreiro diligente e zeloso, para a civilização intelectual do nosso bom povo; deixando pragueiros e murmuradores, que de tudo sentenciam e de cousa alguma entendem [...]” (7 de Janeiro 1854, 1-2).

Do projecto editorial aí exposto, destaco, em palavras suas:

1. uma “índole grave e sisuda” que “repele esses escritos fugitivos, que a moda hoje aplaude, que amanhã ninguém lê;”
2. “o Panorama conservar-se-á como até aqui estranho absolutamente aos partidos políticos, que nos tem infelizmente dividido. As alusões, quaisquer que sejam, evitar-se-ão cuidadosamente;”
3. “rectificaremos aqui a declaração solene de que a moralidade será severamente guardada, e que o sentimento religioso transpirará sempre nas suas páginas.”

Não é já *O Panorama* de Herculano, como se vê. Mas que dizer do espaço, grande, que ocupará “o romance” ao longo desse ano nessa publicação que se quer “grave e sisuda,” estranha aos partidos políticos, moral e religiosa? Logo

nesse primeiro número, a 7 de Janeiro, tem início a publicação, em folhetins, de *Sansão na vingança*, de Francisco Maria Bordalo e ao longo do ano vai o leitor recebendo as entregas de *D. Sebastião o Desejado*, o *Conde Soberano de Castela*, *O Deserto polaco*. E é ainda registado no índice, no género “romance,” que encontramos o título *Cenas de escravatura*.

Trata-se este de um conjunto de cinco “entregas” - que, em vista do tempo, apresento brevemente - assinado por Francisco Maria Bordalo, com início a 19 de Agosto, nesse mesmo ano da apresentação ao conselho ultramarino de um projecto de lei para a extinção da escravatura nos domínios portugueses; nesse mesmo ano em que Garrett está a escrever o seu romance *Helena*, que põe em cena brancos europeus, índios e negros em terras brasileiras e cuja análise minuciosa nesta perspectiva, já feita por Ofélia Paiva Monteiro, em 1999, nos proporciona dados fundamentais;<sup>3</sup> nesse ano de 1854, em que o mesmo Garrett conversa com o seu discípulo Gomes de Amorim sobre a escravatura; e em que, deste último, se estreia em Outubro, no teatro Dona Maria, a peça *Ódio de raça*.

Conhecido como o introdutor do romance marítimo em Portugal, e também ele amigo de Garrett e Herculano, Francisco Maria Bordalo (1821-1861), marinheiro aos 12 anos, estudante na Academia de Marinha e, mais tarde, guarda-marinha, tendo desempenhado missões em Angola, Brasil e Macau, relatou a vida a bordo dos navios e as suas impressões de viagens em páginas que chegaram, algumas delas, a ser traduzidas pelo *Times*.

*Cenas de escravatura* apresenta três narrativas, respectivamente na 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> entregas—“História de um negro;” “Senhor preto e servo branco;” “O colono”—que, entre outras, encenam questões como o tráfico negreiro, mais feroz quanto mais clandestino; a crueldade sofrida pelos escravos nas viagens marítimas, que o escritor tão bem conhecia; o branqueamento dos negros; a servidão branca, (a *escravaria branca*) a que eram submetidos, em particular, os emigrantes açorianos; finalmente, as várias formas de escravatura no mundo, terminando a série com uma transcrição de vários anúncios, surgidos num jornal brasileiro, a 12 de Junho de 1845, anunciando mulheres para venda e aluguer. “Esta mescla de anúncios”—termina Francisco Maria Bordalo—“encontra-se todos os dias nas folhas do Brasil; aluga-se a branca, a parda e a preta (todas as cores!). Vende-se a ama e a filha, a cabra e a cabrinha... Ó século comercial!... [comenta em ecos garrettianos!] Salve! Três vezes salve!” (*O Panorama* III, 3<sup>a</sup> série: 294).

Destaco, todavia, o “prolegómeno” da série, que ocupa toda a primeira

“entrega,” porque ao escritor lhe “saiu mais longo do que esperávamos” (*O Panorama* III, 3ª série: 259-60). Trata-se, como se imaginará, de um libelo político e humanista contra a escravatura. O que, sobretudo, no contexto do folhetim romanesco me interessa assinalar é que o autor tenha decidido adoptar a forma de “romance,” como explicitamente ali afirma (um romance composto de “narrações” curtas mas isso é outro tipo de matéria...), como a forma “menos fastidiosa” para dar o seu testemunho sobre uma questão para a qual, como diz, “as lutas da imprensa” a que então se assistia, estavam a dar um resultado nulo, “apesar dos muito razoáveis argumentos de um ou outro dos contendores” (*O Panorama* III, 3ª série: 259-60). Que tenha escolhido a forma de “romance” como o “necessário complemento” que faltava à narração que, no mesmo semanário, tinha vindo a fazer de uma viagem na África e América: a forma de “romance” porque, diz ele, “não cabia nos limites de ligeiros apontamentos matéria de tanta gravidade” (*O Panorama* III, 3ª série: 259-60).

Romance, pois, forma para matéria de tanta gravidade, forma para a qual não se esquece de evocar os exemplos recentíssimos de *Mistress Stowe*, *Hildreth*<sup>4</sup> e *Sue*... Ou seja, uns quantos, mulheres ou homens, escritores, “baixos,” “populares” e não “canónicos.” Da primeira terá dito Lincoln “So you are the little woman who wrote the book that started this great war!”;<sup>5</sup> o último acabou no exílio por defender, nos seus romances, entre outras questões, a organização do trabalho da “classe ouvrière.” Simplesmente, folhetinistas!

## Notas

<sup>1</sup> Ver, entre outros Maria Cristina Nogueira Lança de Mello, *O Panorama. História de um jornal* (Faculdade de Letras de Lisboa, 1971), texto policopiado, referido por Ernesto Rodrigues em *Mágico folhetim. Literatura e jornalismo em Portugal* (Lisboa: Notícias Editorial, 1998) 134, nota 294.

<sup>2</sup> Joaquim Heliodoro (1800-1879); filho de genovês e de mãe espanhola. Renovador da Biblioteca de Évora; foi alto funcionário em Goa.

<sup>3</sup> “*Helena*: os dados e as incógnitas de um enigma romanesco,” Almeida Garrett, coord. Maria Fernanda de Abreu, *Leituras, Revista da Biblioteca Nacional* 4 (Primavera 1999): 147-74.

<sup>4</sup> Richard Hildreth, *The White Slave or Memoirs of a Fugitive* (Boston: Tappan and Whitmore, 1852).

<sup>5</sup> “First published in weekly instalments from June 5, 1851 to April 1, 1852 in the journal *National Era*, Stowe’s novel [*A Key to Uncle Tom’s Cabin*] created such a controversy that when she was introduced to President Abraham Lincoln in 1862, he is said to have greeted her with the words quoted.” (<http://americancivilwar.com/women/hbs.html>: “Harriet Beecher Stowe, 1811-1896,” Março, 2005).

### Obras Citadas

Bruno, Sampaio. *A geração nova*. Porto, 1886.

Cardim, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Ed. Ana Maria de Azevedo. 2ª ed. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

*O Panorama. Jornal literário e instrutivo da sociedade propagadora dos conhecimentos úteis*. Lisboa, 1837-39; 1854.

Maria Fernanda de Abreu is Professor of Portuguese, Spanish and Comparative literatures at the Universidade Nova de Lisboa. Her primary work has been in the area of Romanticism and pamphlet literature. She is the author of a book on Cervantes in Portuguese Romanticism, *Cervantes no Romantismo português. Cavaleiros andantes, manuscritos encontrados e gargalhadas moralíssimas* (Lisboa: Editorial Estampa, 1994). Some of her recent articles include "A casa onde nasceu o Senhor de Ninães. Lugares da escrita camiliana," *Escrever a casa portuguesa*, org. Silveira, Jorge Fernandes da (Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999) 257-67 and "Romanticismo," *Historia de la literatura portuguesa*, eds. José Luís Gavilanes and António Apolinário Antonio (Madrid: Cátedra, 2000) 383-423. She is currently working on a manuscript dealing with nineteenth-century literary journals and serials, provisionally entitled: "As revistas literárias do século XIX, o folhetim e a construção do romance português." E-mail: mfabreu@fcsh.unl.pt